Função de Hash Criptográfica SHA-3

Ranieri Althoff

[1]Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Informática e Estatística
Segurança em Computação

1. Introdução

Uma função *hash* é uma função que aceita um bloco de dados de tamanho variável como entrada e produz um valor de tamanho fixo como saída, chamado de valor de *hash*. Esta função tem a forma:

$$h = H(M)$$

Onde:

- h é o valor hash de tamanho fixo gerado pela função hash.
- H é função hash que gerou o valor h.
- M é o valor de entrada de tamanho variável.

Espera-se que uma função *hash* produza valores h que são uniformemente distribuídos no contra-domínio e que são aparentemente aleatórios, ou seja, a mudança de apenas um *bit* em M causará uma mudança do valor h. Por esta característica, as funções *hash* são muito utilizadas para verificar se um determinado bloco de dados foi indevidamente alterado.

As funções *hash* apropriadas para o uso em segurança de computadores são chamadas de "função *hash* criptográfica". Este tipo de função *hash* é implementada por um algoritmo que torna inviável computacionalmente encontrar:

- um valor M dado um determinado valor h: $M|H(M) = h$
- dois valores M_1 e M_2 que resultem no mesmo valor: $(M_1, M_2)|H(M_1) = H(M_2)$

Os principais casos de uso de funções *hash* criptográficas são:

- Autenticação de Mensagens: é um serviço de segurança onde é possível verificar que uma mensagem não foi alterada durante sua transmissão e que é proveniente do devido remetente.
- Assinatura Digital: é um serviço de segurança que permite a uma entidade assinar digitalmente um documento ou mensagem.
- Arquivo de Senhas de Uma Via: é uma forma de armazenar senhas usando o valor *hash* da senha, permitindo sua posterior verificação sem a necessidade de armazenar a senha em claro, cifrá-la ou decifrá-la.
- Detecção de Perpetração ou Infeção de Sistemas: é um serviço de segurança em que é possível determinar se arquivos de um sistema foram alterados por terceiros sem a autorização dos usuários do sistema.

1.1. Propriedades

Como observado na seção anterior, uma função *hash* criptográfica precisa ter certas propriedades para permitir seu uso em segurança de computadores. Nas seções a seguir estão destacadas algumas dessas propriedades.

Antes, define-se dois termos usados a seguir:

- Pré-Imagem: um valor M do domínio de uma função *hash* dada pela fórmula $h = H(M)$ é denominado de "pré-imagem" do valor h.
- Colisão: para cada valor h de tamanho n *bits* existe necessariamente mais de uma pré-imagem correspondente de tamanho m *bits* se $m > n$, ou seja, existe uma "colisão".

O número de pré-imagens de m *bits* para cada valor h de n *bits* é calculado pela formula $2^{m/n}$. Se permitimos um tamanho em *bits* arbitrariamente longo para as pré-imagens, isto aumentará ainda mais a probabilidade de colisão durante o uso de uma função *hash*. Entretanto, os riscos de segurança são minimizados se a função de *hash* criptográfica oferecer as propriedades descritas nas próximas seções.

1.1.1. Resistente a Pré-Imagem

Uma função *hash* criptográfica é resistente a pré-imagem quando esta é uma função de uma via. Ou seja, embora seja computacionalmente fácil gerar um valor h a partir de uma pré-imagem M usando a função de *hash*, é computacionalmente inviável gerar uma pré-imagem a partir do valor h.

Se uma função *hash* não for resistente à pré-imagem, é possível atacar uma mensagem autenticada M_1 para descobrir o valor secreto S usado na mensagem, permitindo assim ao perpetrante enviar uma outra mensagem M_2 ao destinatário no lugar do remetente sem que o destinatário perceba a violação da comunicação. O ataque ocorre da seguinte forma:

- O perpetrante tem conhecimento do algoritmo de *hash* usado na comunicação entre as partes.
- Ao escutar a comunicação, o perpetrante descobre qual é a mensagem M e o valor de *hash* h.
- Visto que a inversão da função de *hash* é computacionalmente fácil, o perpetrante calcula $H^{-1}(h)$.
- Como $H^{-1}(h) = S||M$, o perpetrante descobre S.

Desta forma, o perpetrante pode utilizar a chave secreta S no envio de uma mensagem M_2 para o destinatário sem que este perceba a violação.

1.1.2. Resistente a Segunda Pré-Imagem

Uma função *hash* criptográfica é resistente a segunda pré-imagem quando esta função torna inviável computacionalmente encontrar uma pré-imagem alternativa que gera o mesmo valor *h* da primeira pré-imagem.

Se uma função de *hash* não for resistente a segunda pré-imagem, um perpetrante conseguirá substituir uma mensagem que utiliza um determinado valor de *hash*, mesmo que a função de *hash* seja de uma via, ou seja, resistente a pré-imagem.

1.1.3. Resistente a Colisão

Uma função *hash* criptográfica é resistente a colisão quando esta tornar inviável computacionalmente encontrar duas pré-imagens quaisquer que possuam o mesmo valor de *hash*. Neste caso, diferentemente da resistência a segunda pré-imagem, não é dado uma pré-imagem inicial para a qual precisa se achar uma segunda pré-imagem, mas é suficiente encontrar duas pré-imagens quaisquer tal que $H(M_1) = H(M_2)$.

Quando uma função *hash* é resistente a colisão, está é consequente resistente a segunda pré-imagem. Porém, nem sem sempre uma função resistente a segunda pré-imagem será resistente a colisão. Por isto, diz-se que uma função *hash* resistente a colisão é uma função de *hash* forte.

Se uma função *hash* não for resistente a colisão, então é possível para uma parte forjar a assinatura de outra parte. Por exemplo, se Alice deseja que Bob assine um documento dizendo que deve 100 reais a ela, caso Alice saiba que um documento contendo o valor de 1000 reais contém o mesmo valor de *hash* que o documento original, Alice pode fazer com que Bob seja responsável por uma dívida maior que a original, pois a assinatura valerá para ambos os documentos.

1.1.4. Uso das Propriedades de Funções *Hash*

Abaixo, temos uma tabela que mostra quais propriedades das funções *hash* são necessárias para alguma das aplicações de segurança de computadores:

Aplicação	Resistente a Pré-Imagem	Resistente a Segunda Pré-Imagem	Resistente a Colisão
Autenticação de Mensagens	X	X	X
Assinatura Digital	X	X	X
Infecção de Sistemas		X	
Arquivo de Senhas de Uma Via	X		

No caso da infecção de sistemas, não há problema em usar uma função de *hash* com fácil inversão, pois não é necessário embutir um valor secreto na geração do valor de *hash* de um arquivo. Já, num arquivo de *hash* de senhas, a inversão permitiria descobrir a senha a partir do valor de *hash*.

Se a função de *hash*, porém, permitir o descobrimento de uma segunda pré-imagem, seria possível infectar um arquivo de um sistema sem detecção, pois seu valor de *hash* não mudaria. Isto não seria um problema para um arquivo de *hash* de senhas, pois o perpetrante não possui a senha, que é a primeira pré-imagem e, portanto, não teria condições de descobrir a segunda pré-imagem.

2. O algoritmo SHA-3

O **SHA-3** é um algoritmo de *hash* que foi escolhido em uma competição do **NIST**, o instituto de padrões e normas dos Estados Unidos, para criar uma função mais segura

que as anteriores. Como os padrões MD5 e SHA-0 haviam sido quebrados e o SHA-1 já possuía ataques teóricos, e com o fato de que o SHA-2 era bastante semelhante ao SHA-1 e possíveis ataques poderiam enfraquecer ambos os algoritmos, o NIST buscou um algoritmo com uma estrutura diferente que pudesse resistir e substituí-los nesse caso.

O algoritmo escolhido como SHA-3 é baseado na família de funções esponja **KECCAK**, mais especificamente na variante com 1600 bits de largura da função de permutação [Dworkin 2015].

O KECCAKsegue a a estrutura dos algoritmos de *hash* comuns, onde os blocos P da mensagem a ser cifrada vão sendo concatenados alternadamente com aplicações de uma função de transformação f, de forma que a passagem i tenha o seguinte formato:

$$S_i = f(S_{i-1} \oplus P_i)$$

Adicionalmente, explorando essa forma genérica de algoritmos de hash e de uma função f específica, o KECCAKpermite que tanto sua entrada quanto sua saída tenham um tamanho variável, e possa ser usado não somente para verificar a integridade de uma mensagem, mas como um gerador de números pseudoaleatórios, além de outras aplicações.

2.1. Funções esponja

Funções esponja são uma classe de funções que recebem uma entrada de tamanho finito qualquer e produzem uma saída com outro tamanho qualquer desejado, sendo definidas por três parâmetros: um estado S, que contém b bits; uma função f que permuta ou transforma o estado S; e uma função de *padding* P [Bertoni et al. 2011].

Na inicialização, a função P é aplicada na entrada M e dividida em blocos de r bits. Os b bits do estado S são zerados. A construção da esponja se dá em duas fases, chamadas de absorção e compressão.

O tamanho r também é chamado de *bitrate*, porque representa a quantidade de bits da entrada que são consumidos em cada iteração da função esponja, e o tamanho $c = |S| - r$ é chamado de capacidade, e representa o nível de segurança atingido pela variante da função - SHA-3, $r + c = 1600$.

Aumentar o tamanho de r para tornar o algoritmo mais rápido (gerando o *hash* com menos iterações) diminui, portanto, o nível de segurança do *hash* gerado, porém um nível muito alto de segurança implica numa quantidade muito alta de iterações para gerar o *hash*.

2.2. Absorção e compressão

Na fase de absorção, cada bloco P de r bits é combinado com os primeiros r bits, com os restantes c bits preenchidos com zero, do estado S com `xor` e é aplicada a função f no resultado, ou seja, $S_i = f(S_{i-1} \oplus P_i \| 0^c)$.

Ao final de todas as iterações, ou seja, após a mensagem M ser completamente consumida pela absorção da esponja, a saída da função f será o *hash* gerado.

Na fase de compressão, os primeiros r bits do estado S são retornados, e caso mais bits sejam desejados, se aplica novamente a função f em S para transformar o estado. A representação gráfica dessas fases pode ser vista na figura 1.

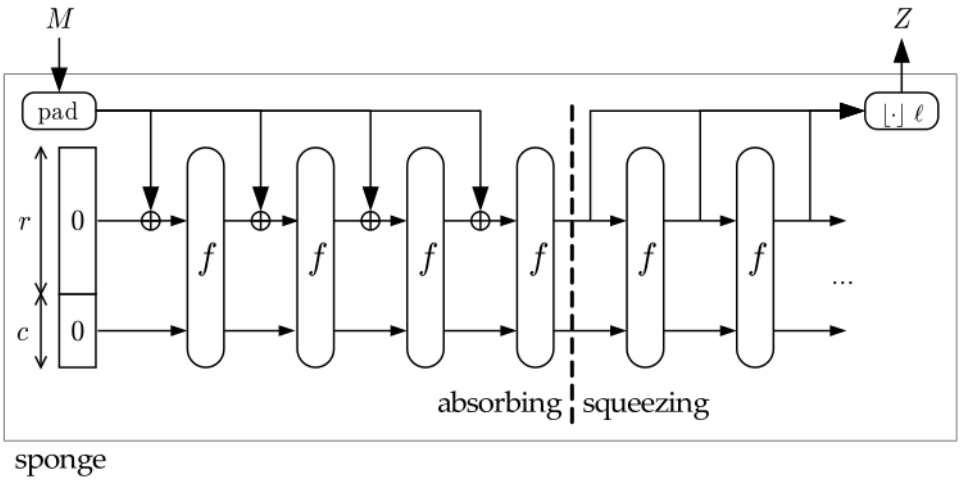

Figura 1. Diagrama de uma função esponja

Os últimos c bits não são diretamente afetados pela entrada M e não são produzidos como saída da função. A função esponja produz uma quantidade indefinida de bits aleatórios.

2.3. Função KECCAK

A função de compressão KECCAK(f, não confundir com a compressão da esponja) é uma função que tem como entrada um valor S de b *bits*, de $r + c = 1600$ bits no SHA-3. Esse valor S é então dividido em uma matriz A 5×5, onde cada célula contém 64 *bits*. As posições dessa matriz possuem índices x (linha), y (coluna) e z (célula).

Uma vez criado esse estado interno, a função aplica 24 rodadas de processamento R_i que levam em consideração o resultado da rodada anterior e uma constante RC_i

Cada uma das rodadas R consiste na composição de cinco funções e pode ser expressa pela seguinte função:

$$R_i = \iota \circ \chi \circ \pi \circ \rho \circ \theta$$

As funções possuem a seguinte fórmula:

- $\theta(M[x, y, z]) = M[x, y, z] \oplus \sum_{y'=0}^{4} M[x-1, y', z] \oplus \sum_{y'=0}^{4} M[x+1, y', z-1]$
  Este passo é uma função de substituição que utiliza bits de células adjacentes, cada *bit* dependento de outros 11, o que provê boa difusão, que é importante para o efeito avalanche.

- $\rho(M[x, y, z]) = \begin{cases} M[x, y, z], \text{se } x = y = 0 \\ M[x, y, z - \frac{(t+1)(t+2)}{2}] \mid 0 \leq t < 24 \wedge \begin{pmatrix} 0 & 1 \\ 2 & 3 \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 0 \\ 1 \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} x \\ y \end{pmatrix} \text{ em } GF(5) \end{cases}$
  Função de espalhamento dos *bits* de uma célula para auxiliar na difusão de forma mais rápida.

- $\pi(M[x, y]) = M[x', y'], \mid \begin{pmatrix} x \\ y \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 0 & 1 \\ 2 & 3 \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} x' \\ y' \end{pmatrix}$
  Outra função de espalhamento dos *bits*, mas entre células diferentes.

- $\chi(M[x,y,z]) = M[x,y,z] \oplus (\neg M[x+1,y,z] \wedge M[x+2,y,z])$
  Esta função é uma substituição baseada no valor atual do bit e dos próximos 2 bits, tornando o KECCAKuma função não-linear, característica que os outros passos não provêm.

- $\iota(M[x,y,z]) = M[x,y,z] \oplus RC_i$, onde RC_i é a constante da rodada citada acima e diferente para cada rodada i.
  Função de substituição baseada em uma tabela e que envolve uma constante que é diferente a cada passo da função aplicado.

2.4. Parâmetros do SHA-3

O SHA-3 define um algoritmo padrão para uso com parâmetros diferentes, dependendo do nível de segurança e tamanho de *bits* desejados na saída. A tabela abaixo enumera os parâmetros normalmente utilizados com o SHA-3:

Tamanho do valor de *hash*	Tamanho do bloco r	Capacidade c	Resistência a colisão	Resistência a segunda pré-imagem
224	1152	448	2^{112}	2^{224}
256	1088	512	2^{128}	2^{256}
384	832	768	2^{192}	2^{384}
512	576	1024	2^{256}	2^{512}

Como visto nas seções anteriores, quanto maior o tamanho do bloco (ou *bitrate*), maior a vazão de *bits*, porém menor a segurança do SHA-3. Isto é evidente nos valores de resistência a colisão e à segunda pré-imagem, que mostram que quanto menor é o *bitrate*, maior é a resistência. Observe também que, para os tamanhos de valor de *hash* da tabela acima, não há necessidade de se usar a fase de espremer a esponja do algoritmo do SHA-3, pois é sempre menor que nestes casos.

3. Questionário

3.a. O que é e para que serve o *state array*?

O *state array* do KECCAKé uma representação do estado do algoritmo e uma matriz de três dimensões, de tamanho $5 \times 5 \times w$, onde w é o comprimento do bloco a ser cifrado. Na maioria das linguagens de programação, é uma estrutura muito simples de ser representada, mas tem um uso bastante complexo no KECCAK.

As partes bidimensionais dessa matriz são chamadas de *plane* (plano), *slice* (fatia) e *sheet* (folha), e as unidimensionais são chamadas de *row* (linha), *column* (coluna) e *lane* (pista), conforme mostrado na figura 2. Um bit é indexado por sua linha, coluna e pista.

O uso do *state array* permite que as funções internas sejam definidas em termos de posições nessa matriz de forma prática. O estado guarda valores parciais do *hash* e todas as funções internas recebem como parâmetro o estado atual e retornam como saída o estado atualizado.

O primeiro valor do estado é gerado à partir da mensagem S a ser cifrada, e o resultado do hash é o estado após o último passo convertido novamente em *string*, passos estes que serão explicados nas próximas questões.

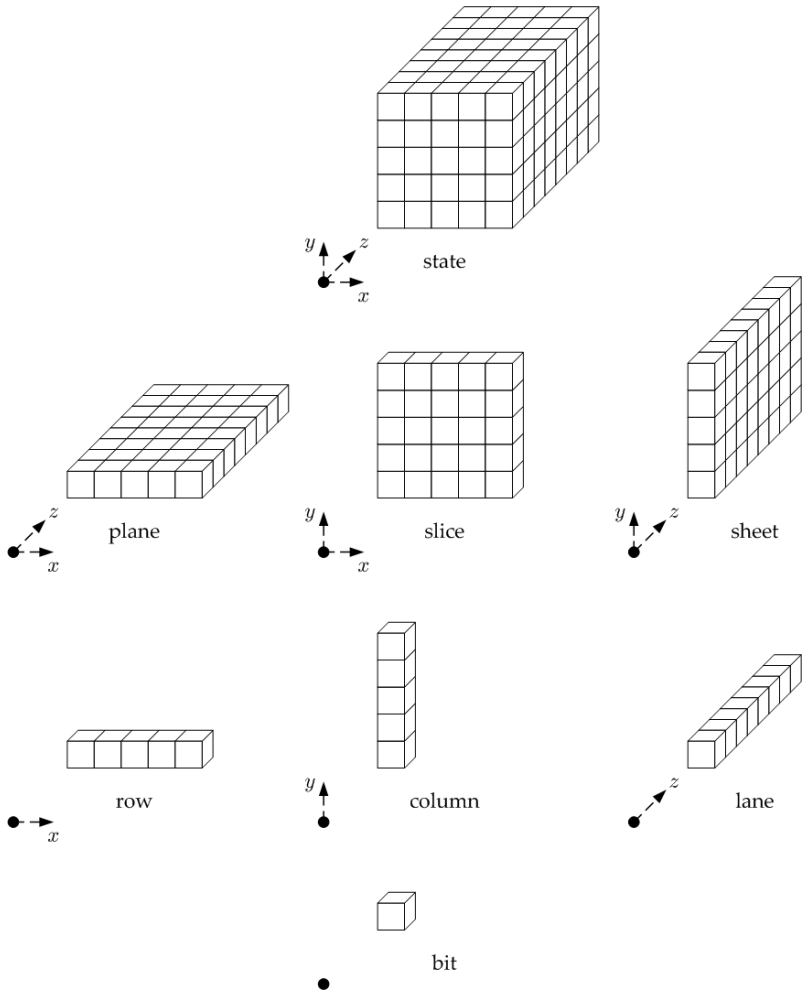

Figura 2. Diagrama do *state array*

3.b. Como é feita a conversão de *strings* para *state array*?

Seja S uma *string* de b *bits* que representa o estado da permutação KECCAK-$p[b, n_r]$. O *state array* A é definido da seguinte forma no SHA-3, usando $b = 1600$ e $w = 64$:

Para toda tripla (x, y, z) tal que $0 \leq x < 5$, $0 \leq y < 5$ e $0 \leq z < w$,

$$A[x, y, z] = S[w \cdot 5y + w \cdot x + z = S[w \cdot (5y + x) + z]$$

Por exemplo, a posição $A[2, 1, 4]$ é obtida do *bit* $S[64 \cdot (5 \cdot 1 + 2) + 4] = S[772]$ da *string* de entrada.

Usando essa fórmula, os *bits* são mapeados sequencialmente por pista, coluna e linha, ou seja, os primeiros 64 *bits* serão mapeados na pista da coluna 0 e linha 0, os próximos serão mapeados na pista da coluna 1 e linha 0, e assim sucessivamente.

É esta característica que gera o tamanho b da string S, porque para cada pista de w *bits*, existem $5 \cdot 5 = 25$ células pelo formato da matriz, portanto $b = 25 \cdot w$.

3.c. Como é feita a conversão de *state array* para *strings*?

A conversão inversa, ou seja, de *state array* para *string*, é feita de forma análoga, concatenando todas as pistas por coluna (gerando os planos) e então por linha. Utilizando-se da

mesma fórmula posicional,

$$S[w \cdot (5y + x) + z] = A[x, y, z]$$
ou
$$S[i] = A[\lfloor i \div (5w) \rfloor, \lfloor i \div w \pmod w \rfloor, i \pmod w]$$

Primeiro se concatenam os w *bits* de uma pista:

$$Lane(i, j) = A[i, j, 0] \,||\, A[i, j, 1] \,||\, \cdots \,||\, A[i, j, w - 1]$$

Onde $||$ denota concatenação de *strings*, de forma que as pistas da coluna $i = 0$, usando $w = 64$, sejam:

$$\begin{aligned} Lane(0, 0) &= A[0, 0, 0] \,||\, A[0, 0, 1] \,||\, \cdots \,||\, A[0, 0, 63] \\ Lane(1, 0) &= A[1, 0, 0] \,||\, A[1, 0, 1] \,||\, \cdots \,||\, A[1, 0, 63] \\ &\vdots \\ Lane(5, 0) &= A[5, 0, 0] \,||\, A[5, 0, 1] \,||\, \cdots \,||\, A[5, 0, 63] \end{aligned}$$

E assim para todas as pistas. A *string* que representa cada plano é a concatenação de todas as pistas na sua coluna j:

$$Plane(j) = Lane(0, j) \,||\, Lane(1, j) \,||\, \cdots \,||\, Lane(4, j)$$

De forma que os planos de cada uma das colunas $0 \leq j < 5$ seja:

$$\begin{aligned} Plane(0) &= Lane(0, 0) \,||\, Lane(1, 0) \,||\, \cdots \,||\, Lane(4, 0) \\ Plane(1) &= Lane(0, 1) \,||\, Lane(1, 1) \,||\, \cdots \,||\, Lane(4, 1) \\ &\vdots \\ Plane(4) &= Lane(0, 4) \,||\, Lane(1, 4) \,||\, \cdots \,||\, Lane(4, 4) \end{aligned}$$

A concatenação destes planos, então, gera a *string* a partir do estado:

$$S = Plane(0) \,||\, Plane(1) \,||\, \cdots \,||\, Plane(4)$$

No resultado final, a concatenação de todos os *bits* gera a seguinte *string*:

$$S = A[0, 0, 0] \,||\, \cdots \,||\, A[0, 0, 63] \,||\, A[0, 1, 0] \,||\, \cdots \,||\, A[0, 4, 63] \,||\, A[1, 0, 0] \,||\, \cdots \,||\, A[4, 4, 63]$$

3.d. Explicar os cinco passos de mapeamento (*step mappings*)

Cada rodada do SHA-3 é composta por cinco passos de mapeamento do KECCAK-p, representados pelas funções ι, χ, π, ρ e θ, que recebem como parâmetros posições de *bits*, colunas e linhas e manipulam o *state array* da operação.

3.d.1. Função *theta* θ

A função *theta* é definida pela seguinte fórmula:

$$\theta(M[x, y, z]) = M[x, y, z] \oplus \sum_{y'=0}^{4} M[x - 1, y', z] \oplus \sum_{y'=0}^{4} M[x + 1, y', z - 1]$$

É uma função de substituição que utiliza os *bits* de colunas adjacentes e da mesma pista na qual está sendo aplicada. Para cada pista $A[x, y]$, cada um dos w *bits* z é logicamente somado com um somatório de uma coluna da linha anterior e com um somatório de uma coluna da linha posterior, como mostrado na figura 3.

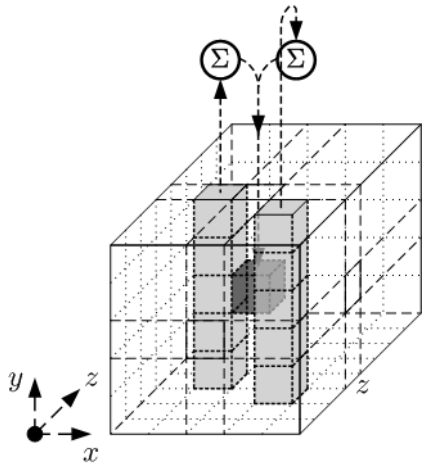

Figura 3. Visualização da função theta.

Dessa forma, cada um dos *bits* do *state array* é afetado por 11 *bits* do estado anterior, sendo 5 de cada coluna utilizada e o próprio *bit* em que a função foi aplicada. Isso cria um alto grau de difusão dos efeitos de todas as funções no resultado.

A função *theta* é a primeira porque mistura a parte interna do estado (invisível para um atacante) com a parte externa, muito por causa do funcionamento das funções esponja, portanto um atacante não pode acessar a entrada das funções subsequentes apenas analisando a parte visível do estado.

3.d.2. Função *rho* ρ

A função *rho* é definida pela seguinte fórmula:

$$\rho(M[x,y,z]) = \begin{cases} M[x,y,z], \text{se } x = y = 0 \\ M[x,y,z-\frac{(t+1)(t+2)}{2}] \mid 0 \leq t < 24 \wedge \begin{pmatrix} 0 & 1 \\ 2 & 3 \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 0 \\ 1 \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} x \\ y \end{pmatrix} \text{ em } GF(5) \end{cases}$$

É uma função de permutação que utiliza os *bits* de uma pista $A[x,y]$. No caso de $(x,y) = (0,0)$, a função não altera os *bits*, mas para os outros casos, ela aplica um deslocamento circular dos *bits* como um embaralhamento dos mesmos, usando o valor t para definir quantos bits será deslocado, como mostrado na figura 4.

Essa transformação gera a difusão entre os *bits* de uma mesma pista, acelerando os efeitos das funções em *bits* próximos da *string* de entrada e do *state array*, já que as outras funções criam difusão entre linhas, colunas e pistas, mas não entre *bits*.

3.d.3. Função *pi* π

A função *pi* é definida pela seguinte fórmula:

$$\pi(M[x,y]) = M[x',y'] \text{ onde } \begin{pmatrix} x' \\ y' \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} x \\ y \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 0 & 1 \\ 2 & 3 \end{pmatrix}$$

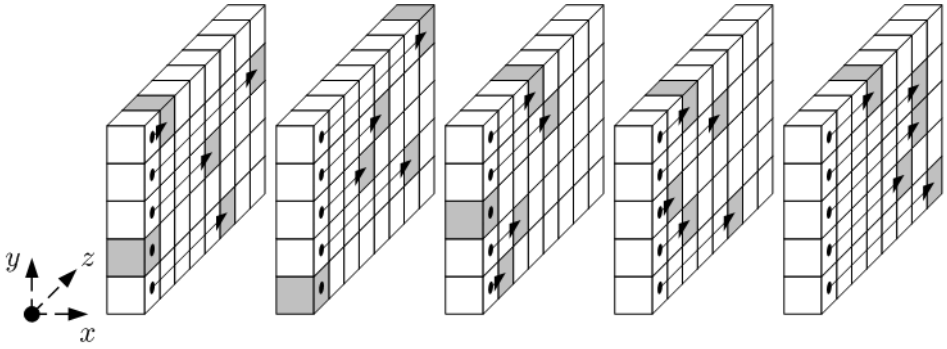

Figura 4. Visualização da função rho.

É uma função de permutação que utiliza as pistas. Assim como *theta*, *pi* faz um deslocamento circular usando uma fórmula semelhante, como mostrado na figura 5.

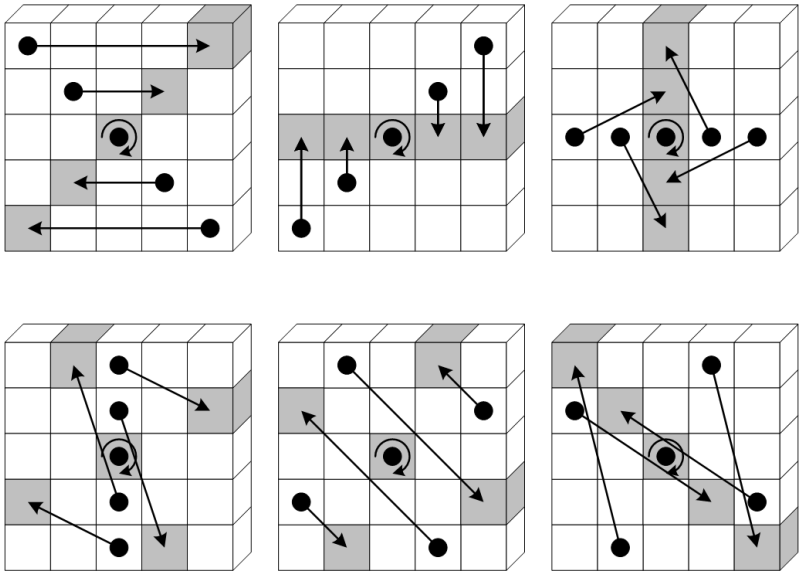

Figura 5. Visualização da função pi.

Essa transformação gera a difusão entre diferentes pistas.

3.d.4. Função *chi* χ

A função *chi* é definida pela seguinte fórmula:

$$\chi(M[x,y,z]) = M[x,y,z] \oplus (\neg M[x+1,y,z] \wedge M[x+2,y,z])$$

É uma função de substituição que utiliza os *bits* posteriores ao *bit* sendo aplicado, sendo o passo não-linear que torna a função KECCAKuma função irreversível, ou seja, impede a obtenção da pré-imagem a partir do *hash*. O passo *chi* é mais facilmente visualizado se usando um circuito digital, como mostrado na figura 6.

Sua definição possui propriedades algébricas que garantem que a saída não possui correlação direta com a entrada em termos de paridade, ou seja, não é possível concluir nada sobre a entrada analisando a quantidade de *bits* em 0 ou 1 da saída.

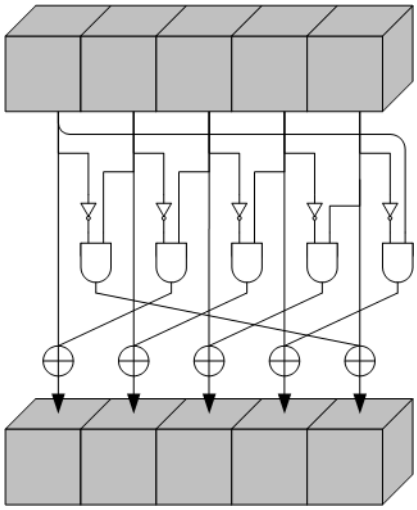

Figura 6. Visualização da função chi.

3.d.5. Função *iota* ι

A função *iota* é definida pela seguinte fórmula:

$$\iota(M[x,y]) = M[x,y] \oplus RC_i$$

É uma função de substituição baseada em um valor tabelado e diferente para cada rodada do SHA-3, e é gerado a partir de uma fórmula que utiliza um gerador de deslocamento linear realimentado (LFSR, na sigla em inglês) em $GF(2)$:

$$RC_i[2^j - 1] = (x^{j+7i} \pmod{x^8 + x^6 + x^5 + x^4 + 1}) \pmod{x} \text{ para } 0 \leq j \leq \log w$$

Dessa forma, não existe relação de simetria entre as diferentes rodadas, porque sem este passo, todas as rodadas teriam a mesma fórmula e poderiam ser simplificadas para permitir ataques.

A função *iota* é somente aplicada na primeira linha e coluna, ou seja, os parâmetros x e y são sempre 0, e seu efeito é difundido para as outras linhas e colunas através dos passos *theta* e *chi*.

3.e. Explicar a permutação KECCAK-$p[b, n_r]$

Uma função KECCAK-$p[b, n_r]$ é uma generalização das funções de substituição e permutação KECCAKque podem ser usadas pelo SHA-3 e recebe como parâmetros o comprimento da *string* S, que define o tamanho do *state array*, e o número de rodadas na fase de absorção.

Cada uma das rodadas R_i de KECCAK-p consiste na aplicação dos cinco passos de transformação, vistos na seção anterior:

$$R_i = \iota \circ \chi \circ \pi \circ \rho \circ \theta$$

O *state array* na rodada i, denominado S_i, é encontrado pela seguinte composição de funções:

$$S_i = \iota(\chi(\pi(\rho(\theta(S_{i-1}))), i)$$

Onde $j \geq 2l + 12 - n_r$, sendo $l = \log w$, e $i < 2l + 12$. Essa definição genérica nos permite gerar versões do KECCAKpara diferentes tamanhos de palavras w, desde que $w = 2^k$. É conveniente utilizar 32 ou 64 por ser o tamanho de uma palavra em processadores modernos, e o FIPS 202 define os seguintes parâmetros por padrão:

$b \in \{25, 50, 100, 200, 400, 800, 1600\}$
$n_r = 2l + 12,$ onde $l \in \mathbb{Z}$

3.f. Descrever o *framework sponge construction*

Funções esponja são uma classe de funções que recebem uma entrada de tamanho finito qualquer e produzem uma saída com outro tamanho qualquer desejado, sendo definidas por três parâmetros: um estado S, que contém b bits; uma função f que permuta ou transforma o estado S; e uma função de *padding* P [Bertoni et al. 2011].

Na inicialização, a função P é aplicada na entrada M e dividida em blocos de r bits. Os b bits do estado S são zerados. A construção da esponja se dá em duas fases, chamadas de absorção e compressão.

O tamanho r também é chamado de *bitrate*, porque representa a quantidade de bits da entrada que são consumidos em cada iteração da função esponja, e o tamanho $c = |S| - r$ é chamado de capacidade, e representa o nível de segurança atingido pela variante da função - SHA-3, $r + c = b$.

Na fase de absorção, cada bloco P de r bits é combinado com os primeiros r bits, com os restantes c bits preenchidos com zero, do estado S com `xor` e é aplicada a função f no resultado, ou seja, $S_i = f(S_{i-1} \oplus P_i \,||\, 0^c)$. Ao final de todas as iterações, ou seja, após a mensagem M ser completamente consumida pela absorção da esponja, a saída da função f será o *hash* gerado. Na fase de compressão, os primeiros r bits do estado S são retornados, e caso mais bits sejam desejados, se aplica novamente a função f em S para transformar o estado.

3.g. Explique a família de funções esponja KECCAK

3.h. Explique a especificação da função SHA-3

A definição do SHA-3 publicada pelo NIST prevê dois tipos de função baseadas no KECCAK, funções de *hash* criptográficas e funções de saída extendida (XOF), também chamadas de SHAKE.

i. Funções de *hash* SHA-3
   As funções de *hash* podem ser definidas genericamente para um tamanho do *hash* gerado d e mensagem M com a seguinte fórmula:
   $SHA - 3(d, M) = \text{KECCAK-}p[2d](M \,||\, 01, d)$

   Observando que os bits 01 são concatenados à mensagem M antes da execução a função. O NIST definiu os tamanhos $d \in \{224, 256, 384, 512\}$ para o SHA-3, existindo portanto SHA3-224, SHA3-256, SHA3-384 e SHA3-512.

ii. Funções de saída extendida

3.i. Apresente a análise de segurança

3.j. Exemplos

Referências

Bertoni, G., Daemen, J., Peeters, M., and Assche, G. V. (2011). Cryptographic sponge functions.

Dworkin, M. J. (2015). SHA-3 standard: Permutation-based hash and extendable-output functions. Technical report.